

A máquina de escrever salazarista que Raquel Lima levou à Bienal de São Paulo

P publico.pt/2023/09/07/culturaipsilon/noticia/maquina-escrever-salazarista-raquel-lima-levou-bienal-sao-paulo-2062398

Isabel Salema

No vídeo de 14 minutos que levou à Bienal de São Paulo, Raquel Lima, que com Carlos Bunga forma a dupla de nomes portugueses convocados para o maior evento de arte contemporânea do hemisfério Sul, conta a história do fascínio por uma máquina de escrever de modelo português HCESAR, criado pelo Estado Novo. O chamado “teclado nacional” deve o seu nome às seis primeiras letras da primeira linha, que seriam as mais frequentes na língua portuguesa. Foi introduzido em 1937 durante o regime ditatorial presidido por António de Oliveira Salazar.

“Como subverter essa máquina e dar-lhe um sentido diferente do previsto em tempos fascistas?” – pergunta a voz da poeta, *performer* e investigadora dez minutos após o início do vídeo filmado em 2021 em São Tomé e Príncipe e intitulado *Rasura: performance, oratura e identidade*.

Raquel Lima, que se identifica como portuguesa, angolana e são-tomense, assumindo uma tripla nacionalidade, é um dos 120 participantes desta bienal pensada por um colectivo de quatro curadores sob o tema *Coreografias do Impossível*: a portuguesa Grada Kilomba, os brasileiros Diane Lima e Hélio Menezes e o espanhol Manuel Borja-Villel.

Rasura: performance, oratura e identidade surge no segundo andar do Pavilhão da Bienal – mudou de sítio em relação ao mapa da exposição –, mesmo em frente à instalação de uma artista que tem ganho visibilidade, Castiel Vitorino Brasileiro, e do seu *Museu dos objetos com alma roubados pela polícia brasileira*, um museu que se apresenta em ruínas.

A proposta encontra eco num texto do catálogo, assinado pela politóloga, historiadora e especialista em estudos pós-coloniais Françoise Vergès, em que esta fala do seu projecto de construir um Museu sem Objectos na ilha da Reunião, até hoje um território ultramarino francês, porque a cultura material está intimamente ligada aos projectos coloniais e às suas narrativas nacionalistas. Seria um museu descolonial.

Para perceber como a “oratura” – uma forma de literatura oral citada no título do vídeo – é importante no trabalho de Raquel Lima é preciso recordar que a artista transdisciplinar está actualmente a fazer o doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, onde investiga a relação entre essa literatura, a escravatura e as diásporas africanas, nomeadamente através da circulação de canções de escravatura entre Angola e São Tomé e Príncipe em consequência do colonialismo português.

“Era preciso contar primeiro e escrever depois”, diz a narradora Raquel Lima, que vemos deambular por vários locais em São Tomé, país onde actualmente passa largas temporadas por conta da sua investigação.

Como subverter uma máquina de escrever colonialista? – pergunta esta investigadora cuja pesquisa se inscreve no Programa Pós-Colonialismos e Cidadania Global do CES. “Esta é a minha terceira máquina de escrever. Vendi duas na Feira da Ladra, há 20 anos, para ir ao Festival Sudoeste.”

Há um passado mais distante na vida de Raquel Lima, como esse em que foi uma jovem entre milhares de jovens nos festivais de Verão em Portugal, feito de identidades globais. “Quando penso no apagamento de identidades, penso nas rasuras sociais para nos enquadrarmos em géneros, raças, classes, línguas, identidades nacionais”, continua a voz.

Em *Rasura* surgem também duas crianças – chamemos-lhes Daniel e Jorge, como estão identificadas no genérico – que passeiam com uma velha máquina de escrever e uma catana. Os seus corpos são arquivos, de narrativas e sonhos, oratura em potência, tal como o da própria poeta.

Rasura, diz-nos Raquel Lima numa conversa com o PÚBLICO que teve início ainda em Lisboa, antes da partida por São Paulo, é um trabalho muito “auto-etnográfico”. “Como é que abordo a literatura – mas também a *performance*, porque, no meu caso, as duas vêm juntas? Pensei muito na rasura que acontece com a minha participação em festivais de palavra oral, de contadores de histórias, de *spoken word*, de *poetry slam*. Espaços em que nem sempre fica um registo daquilo que é apresentado e em que há uma certa dimensão de apagamento.”

Se esse apagamento em relação à prática artística é a primeira dimensão a surgir, há também outro lado mais profundo, mais ontológico, relativo ao apagamento da identidade, que o vídeo explora: “A rasura que o próprio colonialismo opera na paisagem arquitectónica e a forma como as pessoas habitam esse espaço. Filmámos muito em ruínas. O filme tem cenas com pessoas que estão agora a ocupar as antigas roças de café, as roças coloniais. Há uma tensão entre o que é apagado e o que é rasurado, porque são duas coisas distintas.”

Enquanto o apagamento volta a deixar a folha em branco, sem lugar a vestígios, a rasura deixa permanecer as duas camadas de um acto, o erro e a correcção. “Quando se pensa na lógica colonial nunca há um apagamento completo, há sempre um vestígio que fica. O vídeo fala sobre essas camadas, como é que elas operam na identidade das pessoas, nos movimentos, como é que as pessoas se reinventam a partir dessa realidade.”

O mundo intangível

Voltamos ao texto da historiadora Françoise Vergès: “A história e a cultura dos vencidos e oprimidos raramente são corporificadas em objectos materiais. Eles deixam como legado palavras, mais do que palácios; esperança, mais do que propriedades privadas;

vocábulos, textos e música, mais do que monumentos. Eles deixam um património consubstanciado em pessoas, mais do que em pedras.”

Também disso dá conta este filme de Raquel Lima, filha de pai são-tomense e mãe angolana. Um filme naturalmente muito enraizado na sua investigação sobre a oratura. “Como é que podemos contar e pensar o mundo sem ser através dos livros e dos arquivos escritos? Como é que a oratura nos traz uma dimensão ontológica, uma outra forma de estar no mundo, que tem a ver com a passagem de saberes e conhecimentos de uma geração para outra numa relação muito estreita com natureza?”

O que sabemos sobre o mundo, do mar ao vento, materializa-se também em provérbios, canções, anedotas, adivinhas, contos, lendas, lengalengas. “São passagens feitas oralmente, mas que estão na base de um quotidiano muito específico e que constituem mesmo uma forma de sobrevivência. Os pescadores em São Tomé, por exemplo, têm um ritual de passagem de ensinamento de como é que as marés funcionam, de quando é que se pode ou não entrar para o mar, de como ele vai dando sinais sobre como muda com a Lua e com as estrelas.”

Citando novamente Françoise Vergès, esse mundo intangível composto por “canções, palavras, poemas, declarações, textos, conhecimento sobre as plantas, os pássaros e os animais” constitui “o arquivo a partir do qual é possível evocar o passado”.

Mas não falem a Raquel Lima de literatura oral, porque o termo mais correcto é mesmo oratura. É também esse o seu combate: disputar a hegemonia da literatura em relação à oratura. Mesmo no mundo académico, para quem está a fazer um doutoramento sobre o tema, é preciso sempre comprovar as fontes primárias, orais, com os arquivos, através dos manuscritos. “O que estou a trabalhar em São Tomé são canções da escravatura que começam no século XVI. São pessoas descendentes de escravizados de Angola que têm uma série de canções de resistência ao trabalho forçado.” Poesia e palavras que têm a ver com esperança, mas também com saudade.

Como é que podemos contar e pensar o mundo sem ser através dos livros e dos arquivos escritos? Como é que a oratura nos traz uma dimensão ontológica, uma outra forma de estar no mundo, que tem a ver com a passagem de saberes e conhecimentos de uma geração para outra numa relação muito estreita com natureza?

Essas canções, chamadas “tafua”, incluem música instrumental e dança, mas a sua sobrevivência está ameaçada. “São cada vez menos as pessoas que fazem tafua e que estão interessadas.” Serão 20 as pessoas que ainda sabem cantar estas músicas na roça Monte Café, aquela que no século XVII foi a maior produtora de café de São Tomé e Príncipe.

Também desse desaparecimento fala Françoise Vergès. O ponto de partida para o projecto do Museu sem Objectos na Reunião, escreve a historiadora, “foi a ausência de objectos materiais que pudessem testemunhar sobre a vida de escravizados, oprimidos,

migrantes, marginalizados e invisíveis”. E conclui: “O racismo significou que nenhum dos seus objectos foi salvo ou preservado.”

Voltamos ao início do vídeo para falar da poesia performativa de Raquel Lima, uma tríade entre as palavras, o corpo e a poesia. “A minha relação com as palavras é sempre recíproca: se eu atravesso as palavras para que dêem corpo à minha poesia, são também as palavras que atravessam o meu corpo e que transportam com elas partes dele.”

As palavras, tal como os teclados, existem antes de as encontrarmos, mas não de uma forma definitiva: “E é nessa margem que a minha poesia habita. Nesse espaço em que o que sinto dá sentido, mas simultaneamente apaga ou rasura parte dele.”

Raquel Lima publicou em 2019 o seu primeiro livro, *Ingenuidade Inocência Ignorância*, que reúne 24 poemas, metade dos quais apresentada também em formato áudio e musicado. Prepara agora novo livro, em que trabalha a partir das ideias de poesia e gestação.